



A EXPRESSÃO VARIÁVEL DO FUTURO VERBAL NA LÍNGUA FALADA EM CAPOEIRAS - PE

Sara Larissa Carvalho Eloi (UPE/GEADLin)¹
saralarissa82@gmail.com

Ítala Lisandra de Oliveira Lima (UPE/GEADLin)²
italalisandra2015@gmail.com

Kaline Alves Ferreira da Silva (UPE/GEADLin)³
lynesilva.kf@gmail.com

Fernando Augusto de Lima Oliveira (UPE)⁴
fernando.oliveira@upe.br

RESUMO: O presente trabalho é um recorte do TCC do primeiro autor desta pesquisa. A pesquisa trata-se de um estudo sobre a variável da expressão do futuro verbal na fala de Capoeirenses - PE, cujo objetivo é analisar se, na comunidade de fala em tela, há maior ocorrência no uso de futuro simples (FS) ou futuro perifrástico (FP) e descrever quais fatores linguísticos e extralinguísticos favorecem a construção verbal de futuro. Para tanto, foram controlados fatores linguísticos e extralinguísticos que podem motivar o uso da perífrase (IR+infinitivo), são eles: paradigma verbal (verbos regulares e irregulares), conjugação verbal (verbos de 1º, 2º e 3º conjugação) e tempo verbal (pretérito imperfeito perifrástico, futuro do pretérito perifrástico, futuro do presente perifrástico, presente com projeção do futuro perifrástico, futuro do presente, futuro do pretérito e presente com marcas de futuro); e, como variáveis extralinguísticas: escolaridade (médio e superior), faixa etária (15-30/31-45/46-62) e sexo (homem/mulher). Nosso estudo está embasado na perspectiva teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]) e em discussões relacionadas ao futuro verbal (FIGUEIREDO, 2015; TESCH, 2011 e GIBBON, 2000). Para o desenvolvimento desta pesquisa, foi elaborado um *corpus*, mediante a coleta de recortes de fala espontânea de informantes residentes na cidade de Capoeiras-PE, o que corresponde a 36 entrevistas. As falas foram gravadas por meio de gravadores digitais e os dados foram codificados para uma análise estatística e probabilística, utilizando o programa GOLDVARB X (2005). Diante dos resultados fornecidos pelo software, concluímos que os falantes da comunidade de fala de Capoeiras – PE tendem a utilizar com maior frequência a forma do futuro perifrástico.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística; Futuro verbal; Futuro simples; Futuro Perifrástico.

ABSTRACT: The present work is an excerpt from the TCC of the first author of this research. The research is a study on the variable of the expression of the verbal future in the speech of Capoeirenses -

¹ Graduada do curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e Suas Literaturas – UPE/GEADLin – Garanhuns-PE. E-mail: saralarissa82@gmail.com

² Graduada do curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e Suas Literaturas – UPE/GEADLin – Garanhuns-PE. E-mail: italalisandra2015@gmail.com

³ Graduada do curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e Suas Literaturas – UPE/GEADLin – Garanhuns-PE. E-mail: lynesilva.kf@gmail.com

⁴ Professor Doutor do curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e Suas Literaturas – UPE. Líder do GEADLin /UPE – Garanhuns – PE. E-mail: fernando.oliveira@upe.br



PE, whose objective is to analyze if, in the community of speech on screen, there is a greater occurrence in the use of simple future (FS) or peripheral future (FP) and describe which linguistic and extralinguistic factors favor the verbal construction of the future. For that, linguistic and extralinguistic factors that can motivate the use of periphrasis (IR + infinitive) were controlled, they are: verbal paradigm (regular and irregular verbs), verbal conjugation (verbs of 1st, 2nd and 3rd conjugation) and verb tense (Peripheral past imperfect, future of the peripheral past, future of the peripheral present, present with projection of the future peripheral, future of the present, future of the past and present with marks of the future); and, as extralinguistic variables: education (middle and higher), age group (15-30 / 31-45 / 46-62) and sex (man / woman). Our study is based on the theoretical-methodological perspective of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]) and on discussions related to the verbal future (FIGUEIREDO, 2015; TESCH, 2011 and GIBBON, 2000). For the development of this research, a corpus was elaborated, through the collection of spontaneous speech clippings from informants living in the city of Capoeiras-PE, which corresponds to 36 interviews. The statements were recorded using digital recorders and the data were coded for statistical and probabilistic analysis, using the program GOLDVARB X (2005). In view of the results provided by the software, we conclude that the speakers of the Capoeiras - PE speech community tend to use the form of the peripheral future more frequently.

KEYWORDS: Linguistic variation; Verbal future; Simple future; Periphrastic future.

1- Introdução

Neste trabalho, desenvolvemos uma discussão que tem por embasamento teórico a Sociolinguística Quantitativa. Tivemos como objetivo analisar a língua falada da comunidade de fala de Capoeiras – PE; para isso, tomamos como fenômeno motivador da pesquisa o Futuro Verbal. Focalizamos esse tempo como objeto, postulando que essa referência futura é codificada, na Língua portuguesa, por algumas formas alternantes, tais como: a forma simples e a forma perifrástica. Para tanto, temos como principal objetivo analisar se na comunidade de fala em tela há maior ocorrência no uso de futuro simples (FS) ou futuro perifrástico (FP), com base na descrição dos fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem ou inibem essas construções verbais.

As sentenças a seguir (1a, b) exemplificam a expressão do futuro, na Comunidade de Fala (doravante CF) capoeirense, com base nas formas de futuro consideradas:

1. a) “Eu viajo, **viajaria** pra São Paulo, pra visitar minha família.” (AAPT. L12. 967. p. 34).

b) “Eita, eu nem sei quantos anos a minha mãe tem mais o ou menos, eu acho que ela tem uns quarenta e nove mais ou menos, ela **vai fazer** cinquenta e dois cinquenta e três, eu nem sei na verdade.*” (PRBST. L7.473.p.17).

Ao observarmos as sentenças, notamos a alternância entre o futuro verbal expresso pelos falantes capoeirenses. No exemplo (1a) temos a manifestação do futuro simples, expresso temporalmente pelo futuro do pretérito; no segundo exemplo, observamos a manifestação da forma perifrástica, que para indicar futuridadade, foi formada pelo verbo *ir* (no presente) e pelo verbo *fazer* (na forma verbal infinitiva). Diante disso, podemos observar que o fenômeno de futuridadade, na Língua Portuguesa, pode ser avaliado sob uma perspectiva de tempo e aspecto verbal.

2- Fundamentação Teórica

Tendo como embasamento teórico–metodológico a Sociolinguística Quantitativa ,também chamada de Teoria da Variação Linguística (LABOV, 1972 [2008]), a presente seção objetiva desenvolver uma discussão sobre esse aparato teórico. Para tanto, discorreremos um pouco sobre como alguns estudiosos conseguiram compreender e criar uma ciência capaz de explicar a complexidade do fenômeno linguístico.

2.1 Linguística como ciência

Até o século XIX, não havia um estudo significativo acerca da manifestação das línguas em seu desenvolvimento histórico. Somente a partir desse século, houve o grande progresso na investigação desses aspectos que envolvem a língua. É nesse período que os estudiosos compreenderam que as mudanças observadas em textos escritos poderiam ser explicadas por mudanças que teriam acontecido na *língua falada* correspondente. Nesse contexto, a língua falada começa a ganhar espaço, tendo em vista que, até então, os estudos direcionavam-se à modalidade escrita da língua.



É no século XX que Ferdinand de Saussure, professor da Universidade de Genebra, divulga seus trabalhos sobre a linguagem e, a partir de então, a língua passa a ser reconhecida como objeto de estudo e a linguística como a ciência responsável por suas investigações. Em 1916, dois alunos de Saussure, a partir de anotações de aula, publicam o *Curso de Linguística geral*, obra fundadora da nova ciência.

A Linguística Moderna, como é conhecida, apesar de também se ocupar da expressão escrita, enfatiza como um de seus princípios fundamentais, o estudo da língua falada.

Desta forma, entre as subáreas da Linguística está a Sociolinguística, responsável pelo estudo social da língua. Essa ciência estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais.

2.2 A Teoria da Variação Linguística

Apesar das conquistas da Linguística histórica do século XIX, muitas áreas do estudo da mudança linguística permanecem inexploradas. (LABOV, 2008 [1972], p.191).

Tendo em vista que a Linguística histórica se incumbia dos estudos sobre a direção da evolução linguística e os condicionamentos universais da mudança, Labov (2008 [1972]) inquietado por sua restrita dimensão de estudo, postula que as questões sobre o mecanismo da mudança, as causas provocadas da mudança, e as funções adaptativas da mudança são mais bem analisadas pelo estudo detalhado da mudança linguística em progresso.

Então, é nesse contexto que surge a Teoria da Variação Linguística, postulada por William Labov, linguista estadunidense. Apesar dos precedentes a Labov, William Bright (1966) e Fishman (1972) terem desenvolvido estudos incorporando aspectos sociais nas descrições linguísticas, é somente com Labov (1972) que a língua passa a ser descrita pelo seu caráter heterogêneo.



Como citado, antes de Labov (1972) desenvolver seus estudos acerca da variação linguística e formular sua Teoria, já havia correntes de estudos que consideravam a língua por meio de seu aspecto social. Desta forma, o termo Sociolinguística foi fixado em 1964 e foi determinado por estudos precedentes aos de Labov (1972). Concebida como uma das subáreas da Linguística, ela estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais.

Nesse sentido, é cargo da Sociolinguística Quantitativa (doravante SQ), por meio de um estudo analítico, compreender o estágio no qual a mutabilidade ou estabilidade se encontra a variação. Para isso, ela descreverá variáveis que podem ter efeitos significativos ou não sobre os aspectos linguísticos recorrentes a uma determinada comunidade de fala. E, por fim, através de cálculos, determina os fatores internos e externos que se apresentaram mais influentes na realização de uma ou de outra variante. Conforme Labov (2008 [1972] p.21):

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum modo remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo.

Conforme o exposto, podemos visualizar o intrínseco e relevante papel da interação social na mudança linguística. Desta forma, para que esse papel social se estabeleça de forma relevante, na pesquisa sociolinguística, Labov (2008 [1972]) apresenta uma sequência de procedimentos metodológicos indispensáveis para a coleta de dados.

2.3 A língua como um constructo social

Conforme apresentado no tópico anterior, a Sociolinguística rompeu com os limites impostos pela análise estruturalista, abrindo caminho para uma compreensão mais ampla e adequada do fenômeno linguístico, porém esse caráter democrático da

sociolinguística não exclui as contribuições dos estudos estruturalistas para a ciência da linguagem.

Saussure (1916 [2012]), precursor da linguística moderna, postulou que a linguagem tem, em sua composição, um lado individual (fala) e um lado social (língua), assim, sendo impossível uma ser concebida sem a outra. Regida por uma abordagem estruturalista, nessa concepção e descrição, a língua é vista como uma instituição social puramente limitada, ao relacionar o fato social a uma natureza convencional, no qual todos os indivíduos reproduzirão aproximadamente os mesmos signos linguísticos, unindo-os aos mesmos conceitos.

Apesar de conceber a linguística como uma parte de uma ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social, Saussure e todos os linguistas que trabalham dentro da tradição saussuriana, não levam em conta de modo nenhum a vida social: trabalham com um ou dois informantes em seus escritórios, ou examinam seu próprio conhecimento da língua. Além disso, insistem que as explicações dos fatos linguísticos sejam derivadas de outros fatos linguísticos, não quaisquer dados “externos” sobre o comportamento social (LABOV, (2008 [1972], p. 217).

Sendo assim, essa abordagem de Saussure acerca da língua é vista como um paradoxo, já conhecido como o *paradoxo saussuriano*, como descrito por Labov (2008 [1972], p. 218) “[...] *O paradoxo saussuriano*: o aspecto social da língua é estudado pela a observação de qualquer indivíduo, mas o aspecto individual somente pela a observação da língua em seu contexto social.”.

Dando continuidade ao estudo dessa “língua” abstrata postulada por Saussure (1916), Chomsky (1957; 1965) fortaleceu a dicotomia saussuriana, conforme apresentado por Labov (2008 [1972], p.218) “[...] fortaleceu a dicotomia saussuriana a opor a *competência*, ou o conhecimento abstrato das regras da língua, ao *desempenho*, ou seleção e execução destas regras”.

Para Chomsky (1957), a linguística é propriamente o estudo da competência. Sua relação com os pressupostos saussurianos decorre do fato de também considerar que o real objeto do estudo linguístico é uma comunidade de fala abstrata, homogênea,

em que todo mundo fala igual e a aprendizagem da língua é feita instantaneamente. Para Labov (2008 [1972], p.218), outro aspecto limitante dessas teorias, quanto à abordagem social, é vista em Chomsky (1957; 1965), conforme o trecho a seguir:

[...] Chomsky insiste que o dado da linguística não é o enunciado do indivíduo a ser estudado, mas suas intuições acerca da língua primordialmente, seus julgamentos sobre quais frases são gramaticais e quais não são – e também julgamentos sobre a relação entre as frases – que frases significam “o mesmo”.

Com base na discussão tecida, é notória certa exclusão, por parte dessas abordagens estruturalistas, em relação ao estudo do comportamento social ou o estudo da fala. Porém, mesmo diante desse contexto, Labov (2008 [1972]) aponta os estudos dessas teorias como essenciais para sua abordagem da língua “[...] tem sido uma estratégia bem-sucedida em nossa abordagem da estrutura linguística [...]”. Para ele, o trabalho com esse nível de abstração da língua é indispensável para todos que deseje fazer um estudo da língua.

Como apresentado, Saussure (1916 [2012]) concebeu a linguística como parte de uma ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social. Dessa forma, apesar de sua teoria não abranger as influências do social sobre a língua, ela representa um grande marco para os estudos linguísticos, pois é, após sua abordagem, que são desenvolvidos estudos sobre a linguística social – A Teoria da Variação Linguística, postulada por Labov (2008 [1972]).

A teoria da variacionista se desenvolveu em um contexto em que eram desenvolvidas teorias que traziam em sua composição epistemológica o valor social que a língua é inserida. Sendo uma subárea da Sociolinguística, seu expoente, William Labov (1972 [2008]) revela o desejo de estabelecer uma linguística social. Como bem alega, Labov (2008 [1972], P.216 – 217):

Se não houvesse necessidade de contrastar este trabalho com o estudo da língua fora do seu contexto social, eu preferiria dizer que se trata simplesmente de *linguística*. É relevante, portanto, indagar por que



deveria haver a necessidade de uma nova abordagem da linguística com uma base social mais ampla. Parece bastante natural que o dado básico para qualquer forma de linguística geral seja a língua tal como usada por falantes nativos comunicando- se uns com os outros na vida diária.

Isto posto, é notória a relevância da inclusão dos fatores sociais para se chegar aos fatores internos que estruturam o funcionamento da língua entre seus falantes, em uma dada comunidade. Partindo por esse viés de que o foco de estudo da linguística e da sociolinguística são distintos e que os estudos sociolinguísticos se fazem muito relevantes para o tratamento da língua inserida no meio social, Mollica e Braga (2015.p. 10) afirmam:

A linguística volta-se para todas as comunidades com o mesmo interesse científico e a Sociolinguística considera a importância social da linguagem, dos pequenos grupos socioculturais a comunidades maiores. Se cada grupo apresentasse comportamento linguístico idêntico, não haveria razão para se ter um olhar sociolinguístico da sociedade.

Desta forma, a Sociolinguística existe para explicar as variadas manifestações linguísticas existentes em uma língua; para isso, ela realiza um estudo descritivista acerca dos fatores que estão envolvidos a linguagem.

Mediante aos estudos descritivistas, foram abolidas as noções pré-concebidas de “certo” e “errado” da língua, assim, para ocupar esses lugares, estabelece-se o postulado de que as formas linguísticas não se firmam para manter uma relação de superioridade e inferioridade, mas são propriedades constitutivas da linguagem (cf.CAMACHO, 2013, p.30).

A sociolinguística, portanto, entende a variação como um princípio universal, assim, passível de uma análise e descrição científica, para tanto, concebe-a como seu objeto de estudo. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, considerando como primordiais os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo.



2.4 A concepção de língua como um sistema heterogêneo

Mediante a uma concepção monolítica de linguagem, setores inteiros de estudos linguísticos, que vão da dialetologia à estilística, ficaram completamente excluídos ou, quando muito, passaram a exercer um papel marginal e aplicado a essa concepção, que ainda hoje sustentam as teorias formalistas. Por essa visão vinculada às teorias formalistas, essa concepção monolítica apresenta-se como um problema para outras áreas de estudos linguísticos, como já citamos, pois, nela, há um estabelecimento de uma identificação entre estrutura e categoricidade de modo tal que a detecção da estrutura só é possível num recorte epistemológico que idealize o objeto mediante a explicação do princípio de homogeneidade (CAMACHO, 2013, p.95).

Diante disso, a variabilidade e a sistemacidade se excluem mutuamente. Conforme Weinreich, Labov e Herzog ([1968] 2006), essa posição se choca frontalmente com o reconhecimento pela maioria dos linguistas da evidência de que a mudança, além de ser um processo contínuo, é subproduto inevitável da interação linguística.

Impossibilitados de reconciliar o fenômeno de mudança com a natureza categórica da estrutura homogênea Weinreich, Labov e Herzog ([1968] 2006) sugerem o rompimento com o pressuposto estrutural, que associa sistemacidade ou “estruturalidade” com homogeneidade, para pôr em seu lugar um novo modelo capaz de acomodar a heterogeneidade, permitindo, assim, um tratamento adequado à mudança.

Em meio a toda essa problemática, a Sociolinguística rompeu com o paradoxo de que se excluem automaticamente sistemacidade e variabilidade. Nesse sentido, a Sociolinguística Variacionista postula alguns conceitos delimitantes de seus estudos. Ela derruba o pressuposto de que a variação é aleatória e casual; desta forma, inova sua abordagem postulando que a variação é sistemática e regular, não apenas em termos de distribuição interna no sistema linguístico, mas também em termos de sua distribuição externa.



Assim, numa comunidade complexa, a heterogeneidade é a situação normal de uma língua em exercício, o que seria disfuncional é justamente a ausência de heterogeneidade estruturada (WEINREICH, LABOV e HERZOG ([1968] 2006).

Portanto, diante desse contexto, a sociolinguística variacionista conseguiu superar algumas das principais lacunas e paradoxos do modelo estrutural-funcionalista e lançar as bases para uma nova concepção de objeto de estudo da linguística.

Consequente, o caráter analítico e descritivo do percurso da variação ou mudança linguística deferida por Labov (2008 [1972]), em sua teoria da variação linguística, demonstra o antagonismo, quanto à abordagem estruturalista de Saussure (2012 [1916]). Enquanto o primeiro explica sua teoria com base nas análises correlativas entre fatores linguísticos (parte estrutural da língua) com os fatores sociais (aspectos externos a língua) dentro de uma determinada comunidade de fala, dentro de um processo contínuo variável e acima de tudo heterogêneo e plural; o segundo postula a língua como homogênea, autônoma e constituída por unidades invariáveis.

Embasando-se na discussão desenvolvida neste tópico, podemos visualizar a grande resistência, por parte de algumas correntes de estudos, quanto a implementação da ideia de língua como um sistema heterogêneo, a qual só foi rompida quando Labov (2008 [1972]), em 1960, definiu um novo arcabouço teórico e metodológico nos estudos descritivos da língua, assim, finalmente, representando a estrutura linguística como um sistema heterogêneo.

A partir de então, a variação e mudança passam a ser consideradas elementos indispensáveis para os estudos das categorias linguísticas, uma vez que são inerentes às línguas.

De acordo com Labov (2008 [1972]), a língua é considerada heterogênea devido à possibilidade de encontrar características linguísticas comuns, compartilhadas entre os indivíduos de determinados grupos distintos. Ele afirma que “[...] os membros de uma determinada comunidade de fala compartilham sim, um conjunto comum de padrões normativos, mesmo quando encontramos uma variação altamente estratificada na fala real [...]” (LABOV, 2008 [1972]. p.225).

Em síntese, vale salientar que toda variação linguística, apesar de apresentar-se como algo inconstante e extrínseco a regras e normas, são compostas por regras linguísticas que a faz ter um caráter sistemático. Assim, como dito por Labov (2008 [1972], toda variação ou mudança inferida na língua não é dada de forma aleatória, mas sim é regida por elementos linguísticos/ estruturais e sociais, que possibilitam a ordenação de um sistema.

Diante disso, o próximo tópico evidencia o fenômeno motivador da nossa pesquisa – Futuro verbal, como também, descreve a sistematicidade que rege essa variante.

2.5 O futuro verbal

Por sua natureza abstrata, a definição de tempo é um ponto que começa a ser debatido muito antes de haver uma preocupação com a língua. Os lógicos, filósofos e antigos medievais já se atentavam a responder essa indagação a respeito do que seria *tempo*. Assim, após muitos estudos e discussões, são formuladas três teorias – apoiadas em três visões diferentes do mundo que respondem a indagação a respeito do tempo: a) as teorias de tempo absoluto; b) as teorias de tempo relacional; e c) a teoria de tempo relativo.

Na linguística, a ideia de tempo está ligada às questões gramaticais, geralmente representadas por verbos. Como dito por Corôa (2005, p.33):

Não são poucas as línguas que incorporam o conceito de palavra temporal ao verbo. Nas línguas românticas, em especial, o verbo é tão diferenciado pelos morfemas temporais que falante/ouvinte pode se situar temporalmente – e de fato o faz – quanto ao desenvolvimento das ações, eventos ou processos, sua ordenação e sua posição com respeito a si mesmo (falante/ouvinte).

Mesmo sendo mais comumente aos verbos, a relação de tempo, outras classes gramaticais também fornecerem informações quanto à ordenação temporal. Conforme o

trecho a seguir:

Embora [...] o termo “palavra temporal” não se aplique, a rigor, apenas ao verbo em português – advérbios, conjunções, numerais e adjetivos são elementos lexicais que também dão informação quanto à ordenação temporal – são os verbos que mais comumente, tanto nas gramáticas quanto na consciência do falante, aparecem com a tarefa de situar no tempo o processo da comunicação (CORÔA, 2005, p.33).

Apesar de muitas teorias tentarem explicar a noção de verbo e de tempo, para todas elas, enfatizados o seu caráter dinâmico ou não, os verbos sempre estão associados à noção temporal. Consequentemente, mais uma abstração em relação à natureza dos verbos, está relacionada à noção de *tempo* e *aspecto*.

Para Santos (1974), há um entrecruzamento entre aspecto e tempo, sendo o verbo caracterizado como uma palavra em trânsito por várias categorias.

Sobre essa noção de aspecto e tempo, Corôa (2005) argumenta que o falante intui o tempo ligado ao verbo de duas maneiras: “há o tempo intrínseco, inerente ao desenvolvimento de qualquer processo e há o tempo da ocorrência do processo (ou evento) em relação ao agora do falante/ouvinte.”

Em termos mais claros, podemos dizer que a enunciação por meio de um verbo, permite sua manifestação temporal de duas maneiras – ao tempo de ocorrência do processo (ou evento) ou em relação ao agora da falante/ouvinte. Podemos citar como exemplo o pretérito, o presente e o futuro, que situam, respectivamente, as seguintes ideias - **Pretérito**: Enuncia um fato anterior em relação ao momento em que se fala; **Presente**: Enuncia um fato que ocorre no momento em que se fala; **Futuro**: Enuncia um fato posterior em relação ao momento em que se fala. Desta forma, há uma relação entre o tempo de ocorrência e do relato do processo. Quanto à noção de tempo intrínseco, inerente ao desenvolvimento de qualquer processo, podemos citar enunciados que possuem interpretações semânticas distintas, por exemplo, entre as flexões verbais “li” e “lia” notamos, respectivamente, a ideia de uma ação pontual; e a ideia de uma ação que já acabou, mas que era contínua no passado.

Conforme esses conceitos, a relação entre tempo e aspecto resulta na mudança de comportamento dos verbos nas relações discursivas. Desta forma, os tempos verbais – presente, pretérito e futuro podem ser manifestados de mais de uma forma.

Adentrando com essas noções ao fenômeno em estudo – Futuro verbal, podemos inferir que a expressão de futuro verbal manifestado na comunidade de fala capoeirense pode apresentar-se atrelado a outros tempos verbais.

Para Guillaume (1969, p. 57), primordialmente, considera-se que o futuro não se trata de um tempo que existe realmente, sendo imaginado, suposto. Devido a essa categorização de futuro, considera-se que haja várias maneiras de expressar a futuridade. Para Corôa (2005, p.55), “É justamente pelo lugar de ação do futuro ser no mundo do possível que optam por representar esse *tempus* não como uma continuação linear do passado e presente, mas como um feixe de “mundos possíveis””.

Tendo em vista esses aspectos do tempo futuro, Corôa (2005) enfatiza que uma representação apenas temporal dos dois *tempora* de futuro que integram o sistema dos *tempora* verbais do português são o futuro do presente e o futuro do pretérito.

Com base em toda a discussão desenvolvida, nesta seção, enfatizamos essas relações tempo/aspecto, em nosso *corpus*. Como maiores representações de futuro, tivemos: pretérito imperfeito perifrástico (*ia fazer*); futuro do pretérito perifrástico (*iria fazer*); futuro do presente perifrástico (*irei fazer*); presente com projeção do futuro perifrástico (*vou fazer*); futuro do presente (*farei*); futuro do pretérito (*faria*) e presente com marcas de futuro (*vou amanhã*).

Tendo em vista que direcionamos nosso estudo para uma análise da expressão variável do futuro verbal, consideramos, para fins de descrição e análise, duas variantes: o futuro simples e futuro perifrástico. Ao fim da pesquisa, detectamos que uma dessas formas de construção de futuro – a forma perifrástica – favorece o processo de gramaticalização de um dos verbos formadores dessa estrutura, o verbo IR, como auxiliar.

Para um melhor entendimento desse processo, organizamos o tópico seguinte



para melhor esclarecer as questões que estão envolvidas desse processo de gramaticalização.

2.5.1 Processo de gramaticalização do verbo ir

Manifestada por uma característica mutável, a língua é um produto social da faculdade da linguagem que sofre modificações constantes, sendo assim, considerada como dinâmica e heterogênea. Em busca de uma comunicação mais eficiente, um falante, ao comunicar-se, utiliza-se de todos artifícios para ser compreendido. Nessa busca de elementos que facilite o processo de comunicações, a língua vai ganhando novas formas, as palavras, novos sentidos e assim a língua vai autenticando-se se constituindo como um fenômeno heterogêneo.

Vale salientar que, apesar de significativas, as variações e mudanças não são tão perceptíveis aos olhos dos falantes. À medida que a língua varia, surgem novas formas de expressão, assim, é a partir do uso constante que essas novas formas passam pelo processo de gramaticalização, que permite o surgimento de novas palavras e expressões. Conforme Figueiredo (2015, p. 43) “[...] os falantes, ao sentirem a necessidade de serem entendidos, dão novos sentidos as palavras já existentes que serão paulatinamente agregadas ao seu vocabulário”.

Segundo Figueiredo (2015), a discussão sobre a noção de gramaticalização, processo de mudança linguística, teve como precursora Meillet (1912) que introduziu a ideia de que essa noção se estabeleceu para designar certo tipo de fenômeno linguístico que tratava da transição gradual de “palavras principais” para “palavras gramaticais” em estágio de uma língua.

Tendo em vista que esse processo ocorre mediante uso variável da língua, ele faz parte de uma abordagem linguística funcionalista⁵. Para Pereira (2005, p.36):

⁵O **funcionalismo linguístico** difere das abordagens formalistas - estruturalismo e gerativismo - por conceber a linguagem como um instrumento de interação social, tendo um interesse de investigação linguística que vai além da estrutura gramatical, pois busca no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua. Assim, a abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso

Numa abordagem funcionalista, ganham especial relevo os processos de gramaticalização entendidos, na sua forma clássica, como a transformação de itens lexicais em instrumentos gramaticais através de uma ação dos falantes sobre língua. As pesquisas sobre gramaticalização estão intimamente associadas a uma visão funcional da linguagem, na medida em que defendem a hipótese de que o uso da língua nas situações reais de comunicação motiva a criação ou desenvolvimento de formas gramaticais ao longo do tempo.

Haja vista os aspectos aqui discutidos, chegamos à conclusão de que, neste estudo, um dos fenômenos avaliados encontra-se atrelado a processo de gramaticalização. Ao longo da nossa análise variacionista, notificamos que a entrada do verbo IR como auxiliar para expressar o futuro, foi muito assíduo, na formação do futuro perifrástico; assim, somos levados a considerar esse fenômeno como uma mudança em curso, através do processo de gramaticalização desse verbo em auxiliar de futuro.

Segundo Figueiredo (2015) o verbo *ir*, na construção perifrástica de futuro, está em um processo de ser estabilizado não só na linguagem oral (fala), mas também nas expressões escritas. Diante disso, é possível perceber uma mudança em curso na expressão do futuro verbal, como alegado por Oliveira (2006, p.59):

A metáfora permite ao homem compreender as ideias em função do mundo concreto. Ela possibilita a transferência de um domínio cognitivo a outro. No caso da gramaticalização do verbo *ir* como auxiliar de futuro, o domínio fonte é movimento, localização (domínio de mundo humano). Já no domínio alvo, as funções relativas a tempo e a valor de verdade do discurso pertencem ao mundo das funções discursivas abstratas.

Vale salientar que essa hipótese quanto a gramaticalização do verbo IR como auxiliar para expressar o futuro tem sido também discutida em outros estudos semelhantes ao nosso, como em Figueiredo (2015), Tesch (2011), Oliveira (2016), entre outros.

interativo da língua.

3. Aparato metodológico

Conforme apontado pelas discussões, nos parágrafos anteriores, este estudo está norteado pelo aspecto teórico-metodológico da Teoria da Variação linguística. Para a elaboração do *corpus*, primordialmente, nos detemos a fazer um mapeamento geográfico da comunidade de fala a ser estudada. Após essa primeira etapa, delimitamos o nosso campo de estudo, a cidade de Capoeiras – PE. Concluídas as referidas etapas, demos início à quantificação e à estratificação dos informantes necessários para nossa coleta de dados.

Para obtenção do *corpus* linguístico, foram realizadas 36 entrevistas e cada uma teve duração média de 9 a 15 minutos. Ao todo, obtivemos cerca de 5 horas de gravações, registradas em áudio digital. Os informantes selecionados para a pesquisa pertencem aos sexos masculino e feminino e enquadraram-se nos seguintes padrões extralinguísticos: faixa etária: de 15 a 30 anos, de 31 a 45 anos e de 46 a 62 e dois níveis de escolaridade: médio e superior.

Desta forma, seguindo os princípios da Sociolinguística laboviana, durante o processo de coleta de dados, nós nos preocupamos em proporcionar um momento em que o falante se sentisse à vontade e pudesse expressar-se de maneira natural, sem preocupar-se em monitorar sua fala.

Antes da realização das entrevistas, formulamos um guia de perguntas que permitiram guiar a fala de todos entrevistados, com também, induzi-los a expressar-se fazendo uso da variante a qual direcionamos o estudo. Este guia contém 23 perguntas que apresentam, em sua maioria, situações futuras e hipotéticas.

Quadro 1. Guia de perguntas utilizadas para a constituição do *corpus*

1.	Quantos anos você faz em 2021?
2.	Caso, algum dia, você possa mudar algo na sua vida, o que você pode mudar? Como isso pode ser feito?
3.	Imagine que você junto com sua família tenha a oportunidade de viajar no próximo mês, qual lugar pode ser escolhido? Por que a escolha por essa



	cidade ou região?
4.	Supondo que você e seu amigo, no Futuro, passem por uma situação de risco, que vocês podem fazer para poder sair dela? Por favor, detalhe os planos que podem ser traçados, a depender do que você escolheu.
5.	Imagine que você perca alguém da sua família alguém da sua família daqui há alguns dias, como você acha que pode reagir? Detalhe! O que você pode fazer para que a dor possa ser aliviada (mesmo sabendo que isso é difícil)?
6.	Imagine-se dando um conselho para alguém que pretende mudar seus hábitos alimentares, o que você pode falar?
7.	Caso alguém que pretende conhecer a sua cidade, lhe peça um conselho, o que você pode falar?
8.	Caso alguém que pretende votar em Bolsonaro para presidente lhe peça um conselho, o que pode ser falado?
9.	Caso alguém que pretende votar em Lula para presidente, lhe peça um conselho, o que pode ser falado?
10.	Quantos anos a sua mãe faz em 2020?
11.	Supondo que no futuro seus pais ganhem na loteria, o que você acha que eles podem fazer com o dinheiro?
12.	Você tem um familiar que gosta muito (avô, avó, pai, mãe, tio, tia, irmão, irmã)? Se sim, caso ele (a) adoença no futuro, qual a sua atitude?
13.	Se algo, na sua vida, puder ser mudado amanhã, o que pode ser feito?
14.	Se amanhã sair o resultado de um concurso que você fez, há alguns meses, para um lugar bem longe da sua família, qual a sua escolha? Explique a sua escolha!
15.	Nas suas próximas férias você pretende viajar para algum lugar? Qual? Caso não, o que você pretende fazer? Caso sim, para onde pretende ir e o que pretende fazer lá?
16.	Imagine que daqui há alguns anos você tenha a oportunidade de trabalhar fora do país, qual a sua escolha? Se sua escolha for sim, como você pode dar essa notícia para seus familiares? Se sua escolha for negativa, qual (is) motivo (s) podem ser alegado por você?
17.	Você trabalha? Se a resposta for não, pretende trabalhar logo?
18.	Você estuda? Se a resposta for não, pretende voltar a estudar em breve?
19.	Você pratica algum esporte ou pretende praticar?
20.	Você tem uma alimentação saudável ou pretende ter?
21.	Você tem uma família, se resposta for não, pretende ter logo, mais ou menos com que idade?
22.	Como você pretende orientar seus filhos em relação aos estudos?
23.	Você quer que seus filhos tenham a mesma profissão que você? Se sim, por quê? Se não, qual profissão você quer que ele siga?

Fonte: Elaborado pela autora

Após a conclusão das entrevistas e as transcrições, foram separadas as ocorrências do fenômeno em estudo - expressão variável do futuro verbal -

correlacionando as variáveis internas às variáveis externas.

À luz da metodologia proposta pela SQ, o envelope de variação desta pesquisa foi composto por variáveis linguísticas e extralinguísticas. O quadro 2, a seguir, é apresentamos o processo de codificação para cada variável, para tanto, utilizamos letras diferentes para representar cada variável.

Quadro 2. Nomenclatura e siglas das variáveis linguísticas

SEXO	h – homem; m – mulher.
FAIXA ETÁRIA	i - 15 a 30; j - 31 a 45; k – 46 a 62.
ESCOLARIDADE	n – médio; s – superior.
CONJUGAÇÃO VERBAL	t – 1º conjugação ; q – 2º conjugação ; u – 3º conjugação.
PARADGMA VERBAL	v – verbos regulares; g – verbos irregulares.
TEMPO VERBAL	a – pretérito imperfeito perifrástico; b – futuro do pretérito perifrástico; c – futuro do presente perifrástico; d – presente com projeção de futuro perifrástico; e – futuro do presente; f – futuro do pretérito; z – presente com marcas de futuro simples.

Dados: Elaborado pela autora

Em seguida, após a etapa de codificação, conforme exposto, os dados codificados foram submetidas ao modelo estatístico aplicado à SQ, o programa computacional Goldvarb X (2005), que fornece o resultado a partir do número de ocorrências das variantes em correlação com os grupos de fatores controlados, sua frequência em percentual, e ainda estabelece os níveis de interatividade dos fatores em termos de pesos relativos, com cálculos probabilísticos.

4. Análise e descrição dos dados

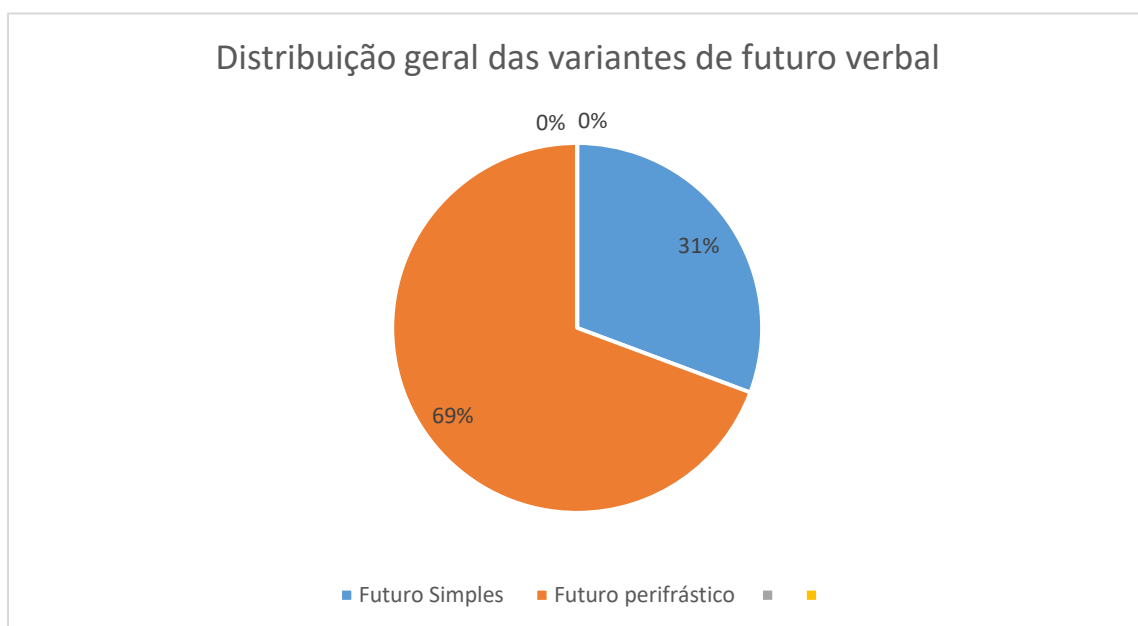
O objetivo deste trabalho é demonstrar, por meio de uma pesquisa Sociolinguística, as formas de expressão do futuro verbal falado em uma comunidade de fala específica, a Cidade de Capoeiras – PE. Para tanto, temos como variantes: a) o futuro simples (FS); e b) o futuro perifrástico (FP).

Portanto, nesta seção, são analisadas e descritas o grupo de fatores linguísticos (estruturais) e extralinguísticos (sociais), correspondentes as variáveis independentes, que nos permitem avaliar as motivações linguísticas e extralinguísticas acerca do uso de uma ou outra variante. Para tanto, para a interpretação dos termos percentuais e dos pesos relativos, consideramos o FP como aplicação de regra.

Dado isso, são analisados e descritos os fatores – estruturais e sociais – utilizados na pesquisa. Assim, são apresentados os resultados quantitativos gerados pelo programa GoldVarb X (2005), como também, descritos através de gráficos e tabelas que nos fornece uma maior compreensão da variação.

A distribuição dos dados por variante encontra-se no gráfico a seguir:

Gráfico 1. Distribuição geral das variantes de futuro verbal



Fonte: Elaborada pela autora

Ao todo, foram coletados 528 dados de duas variantes: Futuro Simples (*farei*) e Futuro Perifrástico (*vou fazer*), por exemplo.

Como podemos visualizar, houve uma grande diferença em relação ao uso das variantes, na comunidade de fala de Capoeiras – PE. Foram encontradas 528 ocorrências das variantes em estudo, segmentando-se em 162 ocorrências para o futuro simples (FS) e 366 para o futuro perifrástico (FP).

Diante dos dados coletados, podemos comprovar que tal comunidade de fala tende a utilizar com maior frequência a forma perifrástica do futuro, correspondendo a 69% do resultado total, enquanto a forma simples apresentou 31%. Diante dos resultados, podemos constatar que, na cidade de Capoeiras, a forma inovadora é a construção predominante.

4.1 Grupo de Fatores Considerados Estaticamente Significativos

Como já descrito, os dados percentuais e o peso relativo desta pesquisa, foram obtidos a partir da utilização do programa computacional Goldvarb X (2005). Ele nos permite identificar quais fatores (linguísticos e extralinguísticos) foram considerados significativos, ou seja, apresentaram relevância quanto à motivação para uma das duas formas de futuro que estamos analisando e os fatores que foram descartados, segundo o programa.

Dos seis grupos de fatores selecionados para o desenvolvimento da pesquisa, apenas duas variáveis - faixa etária e conjugação verbal - foram consideradas significativas para o fenômeno em estudo; ao passo que as demais – sexo, escolaridade, paradigma verbal e tempo verbal - não apresentaram significância, sendo uma (tempo verbal) excluída pelo programa e as outras três passíveis, apenas, da análise estatística.

Desta forma, podemos compreender que o uso a perífrase independe dos fatores que o software indicou como não significativo, pois ambos vão utilizar a forma perifrástica de maneira muito aproximada.

O quadro a seguir apresenta as variáveis significativas e suas respectivas ordens de significância.

Quadro 1. Ordem dos fatores considerados estatisticamente significativos para a variante perifrástica

<i>o</i>	Conjugação Verbal <ul style="list-style-type: none">• 1º Conjugação;• 2º conjugação;• 3º conjugação.
<i>o</i>	Faixa Etária <ul style="list-style-type: none">• 15 a 30 anos;• 31 a 46;• 47 a 62.

Fonte: elaborado pela autora

Por tratar-se de uma pesquisa sociolinguística de cunho quantitativo, um dos processos mais relevantes no momento de análise é o de manter uma comparação entre os resultados obtidos e resultados de pesquisas anteriores que tratem do mesmo fenômeno.

Dessa forma, os tópicos a seguir apresentam uma descrição detalhada acerca de cada fator considerado significativo e à medida apresentamos os dados, relacionamos com pesquisas já desenvolvidas sobre a temática aqui abordada.

4.1.1 A Influência da variável *Conjugação Verbal* na escolha do Futuro Perifrástico

Neste momento, descrevemos a manifestação e a influência da variável conjugação verbal na escolha do Futuro Perifrástico. Como já exposto, essa variável foi considerada significativa para o nosso estudo, desta forma, vamos observar como a alternância entre verbos de vogal temática – *a*, *e* ou *i* – inibem ou favorecem o uso da forma inovadora. Vejamos, nos recortes de fala a seguir, a alternância entre FS e FP sob a influência da variável conjugação verbal.

Verbos de 1º conjugação:



(01) “Eu mudaria a minha infância.” (VCC. L25. 2036. P.76).

(02) “Aí eu volto a fala a mesma coisa, se puder ir todos junto, eu aceitaria, se não.”(AAPT. L12. 1003. P.35).

Verbos de 2º conjugação:

(03) “ Pra mim, uma cidade chamada Bonfete, interior de São Paulo, que foi onde nasceu minha, minha filha mais velha, aí pra mim seria, seria um luxo, né? Revê os parentes, amigos e tal.” (ERMP. L10. 736. P.26).

(04) “ É, seria complicado, no começo, eu acho [...]” (ACV. L21. 1742. P.64).

Verbos de 3º conjugação:

(05)“ Tá com muito tempo que a pessoa vem na mesma rotina, mas como o povo opinaram por essa mudança, então vamo torcer pra que teja uma mudança a favor da gente, né?.” (ATSN. L14. 1146. P.40).

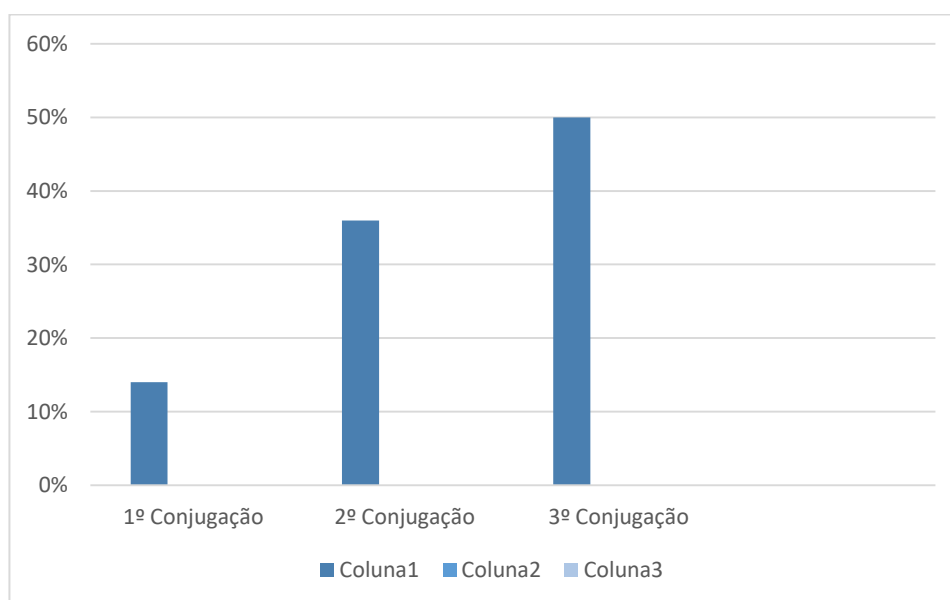
(06) “Então se a gente come muita besteira, a gente não vai ter uma, uma, uma, uma vida saudável, né? Então é comer frutas e verduras, acho que bastante.” (AJCJ. L32. 2583. P. 97).

Por meio desses recortes, é notória a alternância entre as variantes FS e FP, na fala capoeirense. Nos exemplos acima, é possível observarmos essa alternância quando motivadas pela variável linguística conjugação verbal. Para um melhor entendimento da influência dessa variável, os exemplos foram segmentados em verbos de 1º, 2º e 3º conjugação. Tal divisão se deu pelo fato de que, a depender da sua desinência, o verbo será mais propício a uma ou outra forma de construção do futuro.

Conforme o exposto, podemos perceber que as desinências *a* e *e* exercem uma maior influência para a formação do futuro simples, ao passo que a formação perifrástica recebe uma motivação maior quando composto por verbos de 3º conjugação, com *i* como desinência. Em relação as porcentagens apresentadas pelo Goldvarb X (2005), obtivemos os seguintes resultados: 14% para os verbos de 1º

conjugação, que inibiram a ocorrência da perífrase, com um total de 19 aplicações do fenômeno; quanto aos verbos de 2º conjugação, obtivemos um percentual de 36%, contabilizando um total de 123 ocorrências; em relação aos verbos de 3º conjugação, mostraram-se mais favorecedores no uso da perífrase, com um percentual de 50% para a ocorrência da variante, referentes a 224 aplicações do fenômeno, como mostra o gráfico 2 a seguir.

Gráfico 2. A influência da variável Conjugação Verbal na escolha do Futuro Perifrástico



Fonte: Elaborada pela autora

Com base nos valores apontados pelo peso relativo, tivemos uma confirmação quanto a esses valores percentuais. Assim como disposto no gráfico acima, os verbos de 3º conjugação apresentam-se como favorecedores ao uso perifrástico com (.68), enquanto que os de 2º (.42) e os de 1º (.11) inibem a perífrase. A tabela 2 descreve bem a relação de todos esses valores estatísticos.

Tabela 1. A influência da variável Conjugação Verbal na escolha do Futuro Perifrástico

Conjugação Verbal	Aplic./Total	%	PR
1º Conjugação	19/76	14%	.11
2º Conjugação	123/188	36%	.42
3º Conjugação	224/264	50%	.68

Fonte: Elaborada pela autora

Ao analisarmos a influência dessa variável em outra pesquisa sociolinguística, pudemos verificar a divergência quanto à motivação dos tipos de conjugação para a forma perifrástica. Conforme os resultados obtidos por Figueiredo (2015), os verbos que mais favorecem a perífrase são os de 1º conjugação, com peso relativo .70; enquanto que os de 2º e 3º desfavorecem a perífrase com, respectivamente, pesos .38 e .37. Desta forma, quanto a essa variável, apresentamos um resultado antagônico ao de Figueiredo (2015), pois obtivemos peso relativo .11, .42 e .68 para os verbos de 1º, 2º e 3º conjugação.

Diante dessa comparação, é possível visualizar que, enquanto neste estudo os verbos de 1º e 2º conjugações desfavorecem a perífrase, sendo essa construção enfatizada por verbos de 3º conjugação; na pesquisa a qual fazemos referência, a 2º e 3º conjugações estão na posição de desfavorecimento, ao passo que a 1º conjugação motiva o uso da forma inovadora.

Conforme o estudo feito por Figueiredo (2015), os verbos de primeira conjugação, com vogal temática – *a* favorece a perífrase por serem verbos mais frequentes na língua portuguesa.

Aproximado ao nosso resultado, quanto a esta variável, podemos citar Tesch (2011) que, em sua pesquisa, focaliza a expressão do tempo futuro no uso capixaba, codificada pelas formas futuro simples, *ir* no futuro + verbo no infinitivo, presente do indicativo e *ir* no presente +verbo no infinitivo. O estudo abrange a modalidade oral, a partir da análise do *corpus* PortVix, e a modalidade escrita, por meio de amostras do jornal A Gazeta, década de 1930, década de 1970 e 2008. Dentre suas análises, ela aponta a variável conjugação verbal como relevante para a implementação da perífrase



no jornal A Gazeta, em 1970.

Conforme Tesch (2011), a maior ocorrência da forma perifrástica pelo uso dos verbos de 3º conjugação pode ser motivada pela extensão lexical desses verbos, pois, em sua pesquisa, 60% dos dados foram ao lado de verbos trissílabos e 40% de verbos dissílabos. Em nosso estudo, pudemos verificar que a marcação da forma perifrástica nos verbos de 3º conjugação pode ter sido motivada pelo tempo verbal que se situava esse verbo, destacando-se os tempos, pretérito imperfeito e presente com projeção de futuro.

Nesse sentido, podemos concluir que alternância entre as formas de conjugação de um verbo pode influenciar ou tolher a formação do FP. Desta forma, apontamos os verbos de desinência - *i* – como os maiores influenciadores desse fenômeno.

Embasando-se nas discussões tecidas por Oliveira (2016) no tocante ao expressivo uso do verbo auxiliar IR no favorecimento do PII, tivemos um resultado que coincide com sua suposição de que o expressivo uso do verbo IR como auxiliar, pode estar relacionado ao processo de gramaticalização da forma perifrástica. Tal suposição se deu pelo fato de que o PII é favorecido pela forma perifrástica, e essa formação apresentou um expressivo uso do verbo IR como auxiliar. Sendo assim, Oliveira (2016) supõe que a formação perifrástica esteja em processo de gramaticalização na fala alagoana. Dessa forma, fomentamos a ideia de que essa construção verbal, assim como na CF alagoana, possa estar em processo de gramaticalização, na CF capoeirense.

Desta forma, por meio dessa variável, podemos compreender que, assim como as demais, ela exerce uma influência sobre a forma perifrástica, mas a desinência IR facilita a construção da forma perifrástica.

Como apontado no *Quadro 1 – Ordem dos fatores considerados estatisticamente significativos para a variante perifrástica*, as descrições das variáveis significativas seguirão a ordem de significância de acordo com o Goldvarb X (2005). Desta forma, no próximo tópico, será descrito o segundo fator mais significativo.

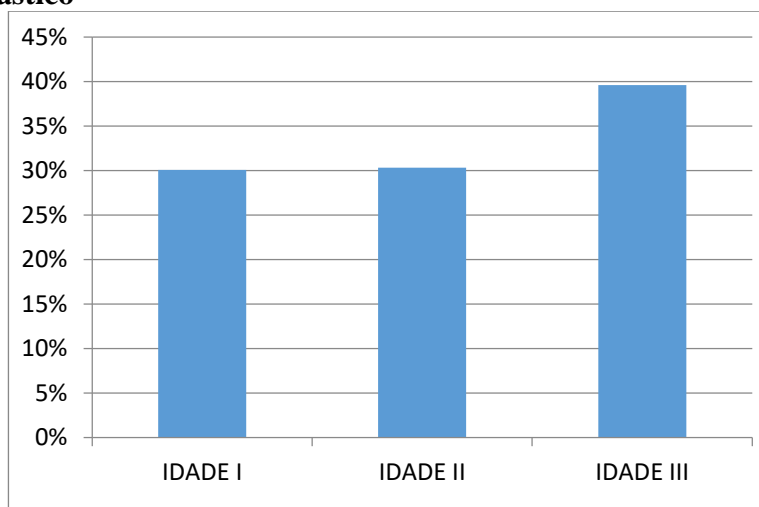
4.1.2 A Influência da variável *Faixa etária* na escolha do Futuro Perifrástico

Conforme comentado na seção *Aparato metodológico*, os colaboradores da pesquisa foram selecionados de acordo com as faixas etárias a serem investigadas no estudo (15 - 30, 31 - 45 e 46 - 62). Essa segmentação que concerne à faixa etária permite a análise da fala de pessoas que conviveram em períodos distintos. Assim, essa variável é um fator extralinguístico de suma importância, pois é a partir daí que o pesquisador poderá relatar o percurso que determinado fenômeno linguístico está tomando, como também, possibilitando que novas variações e mudanças linguísticas venham a se realizar na fala dos indivíduos ao longo do tempo.

Pesquisas sociolinguísticas que também possuem a faixa etária como um dos fatores significativos demonstraram, em seus resultados, o atenuado uso da perífrase por parte dos mais jovens, enquanto que os mais velhos utilizam mais o futuro sintético, como em Gibbon (2000) e em Figueiredo (2015).

No que concerne aos resultados obtidos sobre a variável faixa etária, na comunidade de fala capoeirense, podemos verificar uma divergência quanto aos resultados obtidos nas referidas pesquisas. Com base no que foi apresentado pelo Goldvarb X (2005), os informantes com idade 15 a 30 anos mostraram-se mais propensos ao uso mais sintético do futuro, o futuro simples, ao passo que o futuro perifrástico foi mais recorrente na fala dos informantes mais velhos. Em termos percentuais, a idade I (15 - 30) apresentou 33%, que concerne a 110 ocorrências; a idade II (31 - 46) teve uma quantidade de 111 ocorrências, equivalente a 33%; e a idade III (47 - 62) apresentou um maior número de ocorrências, 145, equivalente a 34%, como representado no gráfico 3 a seguir.

Gráfico 3. A Influência da variável Faixa etária na escolha do Futuro Perifrástico



Fonte: Elabora pela autora

Com base nos resultados obtidos, na comunidade em estudo, a forma inovadora não está diretamente ligada ao público mais jovem, o que nos faz entender que, apesar de considerada como uma construção inovadora, não é fruto do atual momento linguístico, mas já ocorria em estágios anteriores da língua.

Tabela 2. A Influência da variável Faixa etária na escolha do Futuro Perifrástico

Faixa Etária	Aplic./ Totais	%	PR
15 – 30 anos	3 / 110/17	33%	.40
31 – 45 anos	7 / 111/17	33%	.41
46 – 61 anos	8 / 145/17	34%	.65

Fonte: dados da pesquisa

Fazendo um panorama geral da CF, é perceptível certo conservadorismo na fala dos mais jovens, quanto às formas variáveis do futuro, tendo em vista que a variante considerada conservadora é a mesma que remete ao prestígio social. É perceptível que a geração mais jovem, provavelmente, com o propósito de se

inserir no mercado de trabalho, em grupos sociais e na integração escolar e acadêmica, esteja se adequando ao uso conservador da variante. Nesse sentido, acreditamos que o resultado (.66)– os informantes mais velhos são mais propensos ao uso da forma perifrástica – pode ser explicado pelo fato de que os informantes mais jovens, por estarem buscando inserção no mercado de trabalho, realizem o uso verbal de futuro mais conservador; nesse caso, a forma simples do futuro verbal.

Como já referido, nesta seção, foram descritas e analisadas as variáveis significativas, de acordo com o programa Goldvarb X, que além de serem passíveis de uma análise probabilística, também são avaliadas por meio do peso relativo que exercem sobre as variantes. Nos próximos tópicos, apresentamos uma análise estatística acerca das variáveis não significativas, pois, mesmo consideradas como não significativas, sua análise é de suma importância para a compreensão geral da manifestação do fenômeno estudado.

4.2 Variáveis estatisticamente não significativa, segundo o Goldvarb X(2005)

Dentre os seis grupos de fatores rodados pelo Goldvarb X (2005), três deles não foram considerados significativos para a ocorrência do fenômeno, sendo dois extralinguísticos – sexo e escolaridade; e um linguístico – Paradigma Verbal.

Desta forma, nos tópicos a seguir, são descritas essas variáveis. Salientamos a importância de se fazer uma análise estatística acerca desses fatores descartados. Em se tratando da importância em considerar as variáveis descartadas pelo Goldvarb X (2005), Guy e Zilles (2007, p.182), afirmam que:

Normalmente, usamos os grupos identificados como significativos, e não investigamos mais os resultados dos outros grupos. No entanto em certas circunstâncias, essa não é uma abordagem preferível. [...] então nem sempre vamos querer simplesmente concluir a análise mediante a apresentação dos resultados escolhidos como a melhor rodada [...]

Conforme postulado, abordamos essas variáveis enfatizando os termos percentuais e o total de aplicações obtidas por cada uma delas, além de fazer um breve panorama acerca da influência desses fatores em pesquisas desenvolvidas sobre o Futuro Verbal.

4.2.1 A influência da variável *Escolaridade* na escolha do Futuro perifrástico

Como já discutido, as variáveis sociais estão intrinsicamente ligadas ao meio do convívio do falante, portanto, essa relação pode influenciar diretamente no uso linguístico de grupos que compartilham os mesmos aspectos sociais.

Ao considerar que, mediante esses fatores sociais, pode-se compreender o contexto no qual o falante está inserido, o fator escolaridade pode ser considerado como um dos que melhor proporciona o conhecimento desses aspectos sociais. Atribui-se essa importância à escolaridade, pois ela pode influenciar para uma expressão linguística próxima ou distante da norma padrão da Língua Portuguesa; por exemplo, uma fala que siga a norma padrão nos leva a entender que o convívio daquele falante é em um contexto que exige dele essa padronização da língua.

Temos a escola como uma variável motivadora para a mudança linguística, tanto na fala quanto na escrita. Consideramos que, por ser uma instituição que preza pelos usos linguísticos considerados de prestígio, à medida que o grau de escolaridade de um informante for aumentando, ele tenderá a fazer uso de uma linguagem mais aproximada da variedade padrão da Língua Portuguesa.

Para fins de análise, subdividimos esta variável em *Ensino Médio (N)* e *Ensino Superior (S)*. Diante das nossas variantes, esperávamos que o nível médio influenciasse mais ao uso da forma perifrástica e o segundo motivasse mais o uso do futuro sintético, já que muitos estudos sociolinguísticos apontam que o uso da variável padrão está ligado ao maior grau de escolaridade. No entanto, tivemos um resultado divergente dessa hipótese, sendo a forma perifrástica mais usada pelos falantes de nível superior e a

forma simples mais presente na fala dos falantes de nível médio. Nas sentenças abaixo, demonstramos o comportamento das variantes diante dessa variável:

(07) “Não, eu acho que também **seria** assim, chegou lá no poder [...].” (PRBST L7.467.P.17).

(08) [...] “eu acho que meu mundo **ia desabar**, porque a gente tem um laço afetivo muito [...].” (VCC. L23. 1890. P.70).

No exemplo (07) temos um recorte feito da fala de uma informante, com escolaridade de nível médio. Enquanto no exemplo (08), podemos verificar o uso do futuro perifrástico por uma informante do nível superior.

Como citado, de acordo com o Software, essa variável não apresentou significância para a ocorrência do nosso fenômeno. Desta forma, apresentamos apenas os dados percentuais (tabela 3) contabilizados pelo Goldvarb X (2005).

Tabela 3. A influência da variável Escolaridade na escolha do Futuro Perifrástico

Escolaridade	Aplic./ Totais	% Específico	% Geral
E. Médio	177/262	68%	50%
E. superior	189/266	71%	50%

Fonte: Dados da pesquisa

Como podemos observar, o valor percentual, quanto à alternância do fenômeno para os dois níveis de escolaridade, não foi tão significativo – médio (68%) e superior (71%). Diante desses resultados, podemos inferir que a exclusão dessa variável, pelo programa, tenha sido motivada pela baixa diferença percentual entre os dois níveis de escolaridade (3%). Também podemos notar que a porcentagem (3%) indica uma aproximação entre a frequência do uso da perífrase por ambos os níveis de escolaridade. Desta forma, inferimos que, para o fenômeno em estudo, na comunidade de fala

capoeirense, o fator escolaridade não permite uma diferença significativa quanto ao uso da perífrase, nos fazendo entender que o uso dessa forma verbal é categórico. Com base na análise da influência dessa variável, em outros estudos que tratam do mesmo fenômeno, pudemos verificar coincidências, quanto aos resultados obtidos em nossa análise.

Gibbon (2000) considerou três níveis de escolaridade – primário, ginásial e colegial, e ambos também não mostraram diferença significativa quanto ao uso da perífrase.

Também podemos observar essa mesma manifestação em Figueiredo (2015), que, por trabalhar com a escrita e considerar três níveis de escolaridade – 1º, 2º e 3º série do Ensino Médio - tinha como hipótese que quanto maior o nível de escolarização, maior o uso das formas padrão. Foi considerado que a 2º série apresentaria um maior desfavorecimento da perífrase, uma vez que é nessa série que as formas verbais são apresentadas aos alunos de forma mais complexa. Então, a pesquisadora, esperava um monitoramento maior, desses alunos, em relação à escrita.

No entanto, seus resultados não comprovaram a sua hipótese, já que a série que mais desfavoreceu a perífrase foi a 3º série (44%), ao passo que as outras duas têm os percentuais iguais (55%). Desta forma, podemos concluir que as séries não influenciam o uso da perífrase verbal. Ela ressalta também que, conforme o resultado percentual, os alunos de 3º série foram os que apresentaram o uso menos frequente da forma perifrástica e esse resultado pode ter sido motivado pelo fato de que esses alunos estão se preparando para provas de vestibular e ENEM e tais provas exigem um monitoramento maior da escrita.

De acordo com os nossos resultados e com a discussão tecida, podemos considerar que a variável escolaridade atua de forma homogênea no uso da forma perifrástica, revelando que, de fato, o fenômeno em estudo é categórico no que tange ao nível escolar.

4.2.2 A influência da variável *Paradigma Verbal* na escolha do Futuro perifrástico

Esse grupo de fatores é organizado com dois fatores: os verbos que seguem o paradigma geral (verbos regulares) e os verbos de padrão especial (verbos irregulares), considerando o critério morfológico.

Portanto, com esse grupo, buscamos verificar quais verbos são mais atingidos pela perífrase, os verbos regulares ou os verbos irregulares. Conforme Figueiredo (2015, p.69), os verbos irregulares favorecem a ocorrência do futuro simples, porém, neste estudo, os verbos irregulares favoreceram o futuro perifrástico, ao passo que o futuro simples é favorecido por verbos regulares, como exemplificado nos exemplos a seguir:

Verbos irregulares:

(09) “Eita, eu nem sei quantos anos a minha mãe tem mais o ou menos, eu acho que ela tem uns quarenta e nove mais ou menos, ela **vai fazer** cinquenta e dois cinquenta e três, eu nem sei na verdade.” (PRBST. L7.473.p.17).

Verbos regulares:

(10) “Eu viaj, **vaijaria** pra São Paulo, pra visitar minha família.” (AAPT. L12. 967. P. 34).

Como podemos observar, quando se trata de verbos irregulares (09), há um maior favorecimento ao uso da perífrase. Enquanto que no uso dos verbos regulares (10) é manifestado o futuro simples.

Como já exposto, essa variável se apresentou como não significativa para a ocorrência da variável em questão. Nesse sentido, apresentamos apenas os dados percentuais (tabela 4) contabilizados pelo Goldvarb X (2005).

Tabela 4. A influência da variável Paradigma Verbal na escolha do Futuro Perifrástico

Paradigma verbal	Aplic./Totais	% Específico	% Geral
Verbos Regulares	43/111	39%	21%
Verbos Irregulares	323/417	77%	79%

Fonte: Dados da pesquisa

Como podemos observar, o valor percentual referente às ocorrências de FP para os verbos regulares (39%) e para os verbos irregulares (77%) apresentou certa distância em valores percentuais, porém, não o suficiente para ser considerada como um fator relevante, segundo o Goldvarb X (2005).

Ao compararmos nosso resultado com alguns outros estudos realizados no Brasil, a respeito do mesmo fenômeno, verificamos que trouxemos um resultado inovador, quanto à relevância dessa variável para a influência da variação entre as formas de futuro verbal.

Diferentemente dos resultados obtidos por Figueiredo (2015), Bragança (2008) e Santos (2012), em que Paradigma verbal foi uma das variantes significativas, destacando-se os verbos regulares como favorecedores da perífrase; em nosso estudo, além de não ter sido considerada significativa, em valores estatísticos, os verbos irregulares destacaram-se mais no uso da perífrase com um percentual de 77% de ocorrências, ao passo que o futuro simples recebeu maior influência dos verbos regulares, obtendo um valor de 39% dos dados.

4.2.3 A influência da variável *sexo* na escolha do Futuro perifrástico

Conforme discutido em tópicos anteriores, o uso da língua condiciona-se a partir de fatores linguísticos e sociais. Dentre os fatores sociais utilizados em nossa pesquisa, está a variável *sexo*. Para fins de análise, a subdividimos em (*H*) *homem* e (*M*) *mulher*.

Conforme postulado pelos estudos sociolinguísticos, há uma distinção significativa entre a linguagem empregada por homens e por mulheres, em

específico, por exercerem papéis sociais diferentes, sendo as mulheres consideradas mais propensas ao uso conservadorista da língua, enquanto os homens considerados mais influenciáveis às formas inovadoras.

Apesar dessa variável ter sido desconsiderada pelo software, a análise estatística apontou uma confirmação da nossa hipótese, como também, confirmou-se, mais uma vez, o postulado pela sociolinguística. Assim, em nosso estudo, as mulheres revelaram-se mais conservadoras, utilizando-se em maior proporção, o futuro simples; e os homens mais adeptos a forma inovadora do futuro.

Nos fragmentos colocados logo abaixo, trouxemos recortes de fala que podem exemplificar a divergência quanto a expressão de futuro de homens e mulheres, em ambos os casos, eles são da mesma faixa etária e possuem o mesmo nível de escolaridade.

(11) “Eu acredito que orando, rezando, ou então, até mesmo, é, nessas horas é sempre bom a gente receber abraços e isso acredito que **pode confortar** mais ainda.” (VCAA. L2. P.1).

(12) “Pur mim **seria** a Itália, morro de vontade de conhecer a Itália.” (AASL. L5. P.10).

Diante desse aspecto, essa variável se apresentou como não significativa para a ocorrência da variável em questão. Nesse sentido, apresentamos apenas os dados percentuais (tabela 4) contabilizados pelo Goldvarb X (2005).

Tabela 4. A influência da variável sexo na escolha do Futuro Perifrástico

Sexo	Aplic./ Totais	% Específico	% Geral
Homem	218/309	71%	58%
Mulher	148/219	68%	41%

Fonte: Dados da pesquisa

Como podemos observar, o valor percentual referente às ocorrências de FP para homens (71%) e mulheres (68%) não foi muito significativa (3%), o que nos permite



inferir que a baixa diferença tenha favorecido a exclusão desse grupo de fatores pelo Goldvarb X (2005). No entanto, podemos notar que, apesar dos homens terem apresentado um resultado superior ao das mulheres quanto ao uso da forma inovadora – FP, percebemos que a percentagem não se distancia muito das ocorrências.

Diante desse resultado, somos levados a concordar com Gibbon (2000), quando postula que as mudanças da posição feminina, no decorrer do tempo, podem influenciar nos aspectos linguísticos de sua fala, assim, alterando a concepção conservadora atrelada à fala desse grupo de pessoas. Nesse sentido, podemos considerar que a concepção estabelecida pela sociolinguística de que as mulheres são mais propensas ao uso da norma, pode não mais apresentar tanta significância para determinadas comunidades de fala.

Para Gibbon (2000), a variável sexo também não foi significativa, além do mais, quanto à influência para o uso perifrástico, as mulheres apresentaram um valor percentual de 11% superior aos homens. Gibbon (2000) embasou-se numa concepção de que os homens, por possuírem uma vida social mais intensa e frequentarem um número maior de grupos sociais devido ao trabalho, estão mais sujeitos às inovações do que a mulher, mais sensível a uma linguagem formal por conviver com um número menor de grupos sociais e pela responsabilidade extra de educar os filhos, o que incita a se apresentar com modelo moral e linguístico exemplar (PAIVA, 1994, p.72).

Nesse sentido, Freitag (2016) apresenta uma visão antagônica a essa concepção. Para ela, cada vez mais, hoje em dia, a mulher assume posições iguais às dos homens, como também têm acesso ao mesmo universo de trabalho masculino, contribuindo ativamente para a renda da casa. Dessa forma, a incumbência da educação dos filhos não mais é uma tarefa sua, direciona-se a outras instituições sociais, como a escola.

Considerando o que foi apresentado acima, podemos concluir que o processo de variação linguística está associado a diversos fatores sociais. Em se tratando da variável sexo, percebemos que esse processo está associado não só ao gênero/sexo do falante, mas também à forma de construção social dos papéis feminino e masculino, como também envolve outros fatores: a classe social do indivíduo, o contexto histórico em

que vive e até mesmo sua posição ideológica construída na sociedade.

Além de Gibbon (2000), Figueiredo (2015) e Tesch (2011), em seus trabalhos, também não tiveram resultados significativos para a influência da variável sexo sobre as variantes verbais. Conforme Figueiredo (2015), os homens fazem mais uso da perífrase – 60% dos dados, enquanto as mulheres, 48% dos dados. Para Tesch (2011), assim como nossa pesquisa, os homens e mulheres utilizaram praticamente com a mesma frequência a forma perifrástica (inovadora), obtendo uma diferença percentual idêntica à nossa, apenas 3%. Ambas as pesquisadoras, Figueiredo (2015) e Tesch (2011), apontam que o fenômeno da variação de uso do futuro verbal não esteja relacionado à avaliação social, já que homens e mulheres utilizam praticamente, com a mesma frequência, a forma perifrástica (inovadora).

Portanto, assim como nas pesquisas citadas, percebemos que tanto homens quanto as mulheres utilizam a forma perifrástica com muita frequência. Dessa forma, podemos entender a que a variante também é categórica quanto à variável sexo.

Considerações Finais

Conforme disposto no decorrer deste trabalho, nossa pesquisa está pautada nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Quantitativa (LABOV, 1972 [2008]), também chamada de “Teoria da Variação Linguística”.

Como, nesta vertente de estudo, a língua é tida como um dinamismo inerente à comunidade de fala que o falante está inserido, o principal objetivo desta pesquisa foi abordar a expressão do futuro verbal sob as formas do futuro simples (FS) e as formas do futuro perifrástico (FP) no português falado em Capoeiras – PE.

No que tange às ocorrências do fenômeno em estudo, obtivemos um total de 528 ocorrências; dessas, 162 ocorrências para o futuro simples (FS) e 366 para o futuro perifrástico (FP). Diante desse resultado, apresentados pelo programa computacional Goldvarb X (2005), com a interpretação dos dados e a análise linguística propriamente dita, ficou patente que a ocorrência da variante inovadora (forma perifrástica) se

manifestou com maior frequência entre os falantes, enquanto que o futuro simples exibiu menor regularidade, respectivamente 69% e 31% das ocorrências.

Para o nosso estudo, selecionamos seis fatores: três linguísticos e três sociais, dos quais, apenas dois apresentaram-se significativos para a variante – *conjugação verbal e faixa etária; paradigma verbal, escolaridade e sexo* não apresentaram significância e a sexta (*tempo verbal*) foi excluída por nocaute.

O fator *tempo verbal* foi excluído devido a não capacidade de manter um valor comparativo entre as duas variantes consideradas (FS e FP). Para o uso dessa variável sobre o fenômeno em estudo consideramos seis tempos verbais: Pretérito Imperfeito Perifrástico (*ia fazer*); Futuro do Pretérito Perifrástico (*iria fazer*); Futuro do Presente Perifrástico (*irei fazer*); Presente com Projeção de Futuro perifrástico (*vou fazer*); Futuro do Presente (*farei*); Futuro do Pretérito (*faria*) e Presente com marcas de Futuro Simples (*vou amanhã*). Apesar da exclusão dessa variável para a análise dos resultados, a maioria desses tempos verbais, exceto, o presente com marcas de futuro, tiveram uma expressiva manifestação no *corpus*.

Mesmo excluídos da nossa análise, fazemos algumas ressalvas a alguns tempos verbais que ganharam destaque nas formações de futuro analisadas, podendo ser alvo de pesquisas posteriores que envolvam a mesma variante.

Desta forma, apontamos que além dos fatores apontados como significativos, outros fatores também podem estar ligados a formação das formas de futuro verbal, dentre eles, podemos apontar o contexto hipotético das perguntas. O direcionamento das perguntas levava os falantes a pensarem no futuro. Dessa forma, não se tratava de acontecimentos concretos, apenas imaginários; então, eles tenderam a expressar-se de forma hipotética; e, em sua grande maioria, essa expressão incerta proporcionou o uso dos verbos no tempo *Pretérito imperfeito perifrástico* e *Futuro do pretérito Perifrástico*.

Outro tempo verbal corriqueiro nas formas perifrásticas foi o presente acompanhado de um verbo no infinitivo. Para Gibbon (2000), uma vez que o contexto de futuridade esteja instaurado, a forma do presente do indicativo é favorecida, como



também a presença do traço semântico de *movimento* dentro desse contexto propicia o presente. Dos 528 dados que obtivemos, 239 são do presente do indicativo acompanhado de um verbo no infinitivo.

Então, concluímos que mesmo que a forma de futuro simples ainda esteja em uso na comunidade de fala capoeirense, o uso do futuro perifrástico predomina; e dentre os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam esse uso, está, quanto à estruturação linguística do enunciado: a alternância entre as desinências dos verbos (conjugação verbal); e, quanto aos fatores sociais: divisão dos falantes de acordo com a época que nasceram (faixa etária).

Como esta pesquisa corresponde a uma análise inicial da comunidade de fala de Capoeiras - PE, posteriores investigações sociolinguísticas se mostrarão de fundamental importância para o entendimento de tal fenômeno.

Referências Bibliográficas

- BRAGANÇA, Marcela L. L. **A gramaticalização do verbo IR e a variação de formas para expressar o futuro do presente: uma fotografia capixaba.** 146f. Dissertação (Mestrado) Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Espírito Santo, 2008.
- CAMACHO, R. G. **Da linguística a formal à linguística social.** São Paulo. Parábola. 2013.
- CHOMSKY, Noam. **Syntactic Structures.** The Hague: Mouton, 1957.
- CHOMSKY, Noam. **Aspects of the Theory of Syntax.** Cambridge: The MIT Press, 1965.
- CORÔA, M.L.S. **O tempo nos verbos no português.** São Paulo: Parábola editorial, 2005.
- FIGUEIREDO, J. **a expressão do futuro verbal na escrita escolar de irará-ba.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Feira de Santana, p.132. 2015.
- FREITAG, Raquel Meister Ko et al. Como os brasileiros acham que falam? Percepções sociolinguísticas de universitários do Sul e do Nordeste. **Todas as Letras-Revista de Língua e Literatura**, v. 18, n. 2, 2016.



- GIBBON, A. **a expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Cvirso de Pós-Graduação em Letras/Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2000.
- GUILLAUME, G. Immanence et transcendance dans la catégorie du verb: esquisse d'une théorie psychologique de aspect, in: **Langue et Science du langage**. Paris: Librarie A.-G. Nizet, 1969 (1933), pp.46-58.
- GUY, Gregory Riordan. ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa** - instrumento de análise. São Paulo. Parábola Editorial. 2007.
- KACHRU, Braj B. William Bright, ed., Proceedings of the UCLA sociolinguistics conference. The Hague: Mouton, 1966. Pp. 324.-Joshua A. Fishman, Sociolinguistics: a brief introduction. Rowley, Mass.: Newbury House, 1971. Pp. xvi+ 126. **Language in Society**, v. 1, n. 2, p. 249-263, 1972.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- LUCCHESI, Dante. **Sistema, mudança e linguagem**: um percurso na história da linguística moderna. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- MEILLET, Antoine. L'évolution des formes grammaticales. 1912.
- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo. Contexto. 2015.
- OLIVEIRA, Fernando Augusto de Lima. **A variação, na apódose, entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo em contextos hipotéticos na fala de alagoanos: as categorias semântico-discursivas de tempo, aspecto e modalidade**. 2016. 151 f. Tese (Doutorado em Letras: Linguística) – Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016.
- OLIVEIRA, Josane Moreira. **O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. 254 p. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa), Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.) **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 33-42.
- PEREIRA, Marli Hermenegilda. **Reanálise e gramaticalização de conectores temporais**: uma análise em tempo real. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- SANTOS, A.J. **O tempo e o aspecto verbal no indicativo em português**, In: *Littera*, n. 10, 1974, pp. 55-74.
- SANTOS, Eduardo Pereira. **A expressão da futuridade verbal em Santo Antônio de**



Jesus: uma análise variacionista. Salvador: UNEB, 2012. 152 p. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens), Programa de Pós-Graduação em Letras, Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2012.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral.** Tradução: Antônio Cheline, José Paulo Paes e Izidoro Blinkstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

TESCH, Leila Maria. **A expressão do tempo futuro no uso capixaba: variação e gramaticalização.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2011. 192 p. Tese (Doutorado em Linguística), Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

WEINREICH, U., LABOV, W. & HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, [1968] 2006.

Recebido Para Publicação em 07 de junho de 2020.

Aprovado Para Publicação em 29 de julho de 2020.